

1945|2015

70º ANIVERSÁRIO DA

VITÓRIA

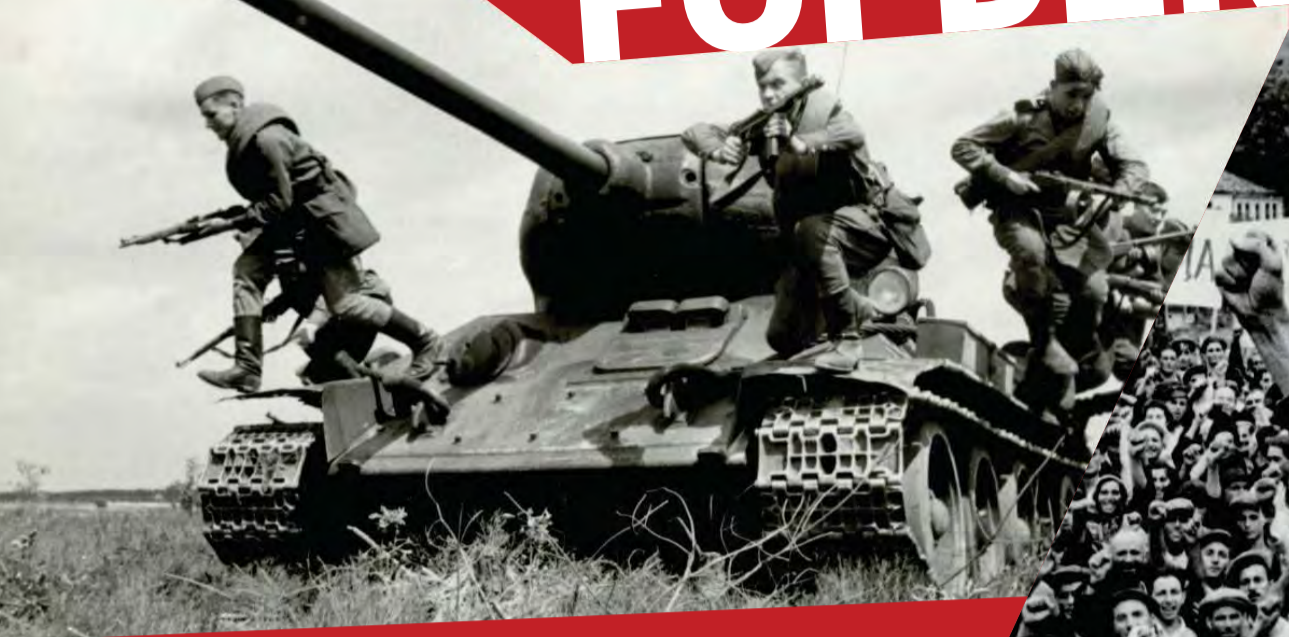
SOBRE O NAZI-FASCISMO



DEP/PCP • WWW.PCP.PT

PELA PAZ  **CONTRA O FASCISMO E A GUERRA**

HÁ 70 ANOS O NAZI-FASCISMO FOI DERROTADO



No final de Abril de 1945 as tropas soviéticas entram em Berlim e na noite de 8 para 9 de Maio os generais nazis assinam a rendição incondicional perante os aliados (URSS, EUA, Grã-Bretanha e França).

A Segunda Guerra Mundial termina na Europa.

O dia 9 de Maio passou à História como o dia da Vitória.

A derrota nazi-fascista é festejada em todo o mundo. Também em Portugal têm lugar grandes manifestações populares não obstante Salazar ter decretado luto nacional pela morte de Hitler.

Na Ásia, porém, a guerra prosseguirá. A 6 e 9 de Agosto, os EUA desferem os criminosos ataques nucleares sobre Hiroshima e Nagasaki. Com a capitulação do Japão a 2 de Setembro terminava a guerra.

Sob o rastro de uma gigantesca destruição, jazem nos cemitérios e nas valas comuns mais de 60 milhões de mortos. Quase metade são soviéticos.

As portas dos campos de concentração nazis são franqueadas e o mundo conhece o horror do extermínio em massa – do assassinio bárbaro, metódico, de milhões de homens, mulheres e crianças.

A Humanidade recordará para sempre o heroísmo dos milhões e milhões de combatentes e resistentes que derrotaram a barbárie nazi-fascista e que protagonizaram a grandiosa gesta libertadora que pôs termo à mais mortífera e destruidora guerra desencadeada pelo imperialismo.

Na primeira linha de resistência ao nazi-fascismo estão os comunistas e outros antifascistas.

ONTEM COMO HOJE, É NECESSÁRIO DEFENDER A VERDADE E LEMBRAR AS LIÇÕES DA HISTÓRIA, COMBATENDO AS TENTATIVAS DE BRANQUEAMENTO DO FASCISMO - PARA QUE UMA TAL TRAGÉDIA NUNCA MAIS ACONTEÇA!



HITLER NÃO EXPLICA TUDO

Hitler e o nazismo alemão não resultam de um infortúnio trágico da História. A sua chegada ao poder, em 1933, não teria sido possível sem a cumplicidade e o apoio do grande capital - o regime nazi é a ditadura terrorista dos círculos mais reaccionários e agressivos do capital financeiro alemão.

Em plena crise capitalista e antes de Hitler aceder ao poder na Alemanha, o fascismo era já uma realidade em Itália, Portugal, Espanha, Hungria, Áustria, Polónia, Roménia e Bulgária.

Nas condições da grande depressão dos anos 30 que atingiu duramente os países capitalistas mais desenvolvidos, o grande capital alemão abraçou o conteúdo ideológico fundamental do nazismo – o nacionalismo, o racismo, a xenofobia e o anti-comunismo –, pois estava interessado no programa de militarização, liquidação das liberdades e direitos democráticos, expansão territorial e domínio mundial da ordem nazi-fascista.

O regime nazi contou igualmente com a cumplicidade e o apoio velado dos círculos dirigentes da França, da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos. O Pacto de Munique (1938) de partição da Checoslováquia – que abriu as portas ao expansionismo alemão e ao início da guerra – e, anteriormente, a “política de neutralidade” na guerra civil de Espanha são expressões da conivência e claudicação das principais potências capitalistas perante o fascismo e a ameaça nazi. Apesar da rivalidade entre as potências imperialistas, os círculos dirigentes do grande capital alimentavam a sinistra esperança de virar o expansionismo alemão contra a União Soviética, intenção sustentada no ódio à URSS e no interesse de destruir o movimento operário, os partidos comunistas e outras forças progressistas na Europa.



A GUERRA PODIA TER SIDO EVITADA

A 1 de Setembro de 1939, com a invasão nazi da Polónia, tem início a II Guerra Mundial.

Londres e Paris inviabilizaram todas as tentativas e propostas da diplomacia soviética para conjugar esforços e impedir a agressão da Alemanha nazi aos países europeus ameaçados. Nesta situação – na iminência de uma agressão directa da máquina de guerra nazi e sob a necessidade de ganhar tempo para preparar a sua defesa – a URSS assina com a Alemanha um pacto de não-agressão (1939).

Depois da Polónia, a passividade militar e a cumplicidade política dos governos ocidentais e dos Estados Unidos permitiu à Alemanha invadir e ocupar a Dinamarca, a Noruega, a Holanda, a Bélgica e o Luxemburgo. A França é ocupada em poucas semanas pelas tropas nazis, que entram em Paris a 14 de Junho de 1940. O governo colaboracionista francês de Pétain, em Vichy, entrega ao invasor, para além da capital, vastas regiões da França.

Até Julho de 1941, a Alemanha nazi ocupou 14 países na Europa ocidental e central. A exploração do potencial humano, económico e militar dos países ocupados é colocada ao serviço do objectivo estratégico do nazi-fascismo: a agressão e ocupação da União Soviética.

Até esse momento, as potências do Eixo, a Alemanha, a Itália e o Japão, aliadas no «Pacto Anti-Komintern», ocupavam vastos territórios da Europa, África e Ásia. O Japão, que em 1931 ocupara a Manchúria, alargou em 1937 a invasão da China e a ocupação do Sueste asiático e do Pacífico. A Itália invade a Etiópia (1935), a Albânia (1939) e a Grécia (1940).

No Pacífico, em Dezembro de 1941, os Estados Unidos entram na guerra depois do ataque do Japão a Pearl Harbor, mas só muito mais tarde os EUA entrariam na guerra na Europa contra a Alemanha, numa altura em que o exército nazi recuava face à ofensiva do Exército soviético e após terem sido travadas todas as grandes batalhas na Frente Leste da Europa que determinaram o desfecho da guerra.



O PRINCÍPIO DO FIM DA ALEMANHA NAZI

A invasão da URSS, na madrugada de 22 de Junho de 1941, inicia uma nova fase da II Guerra Mundial.

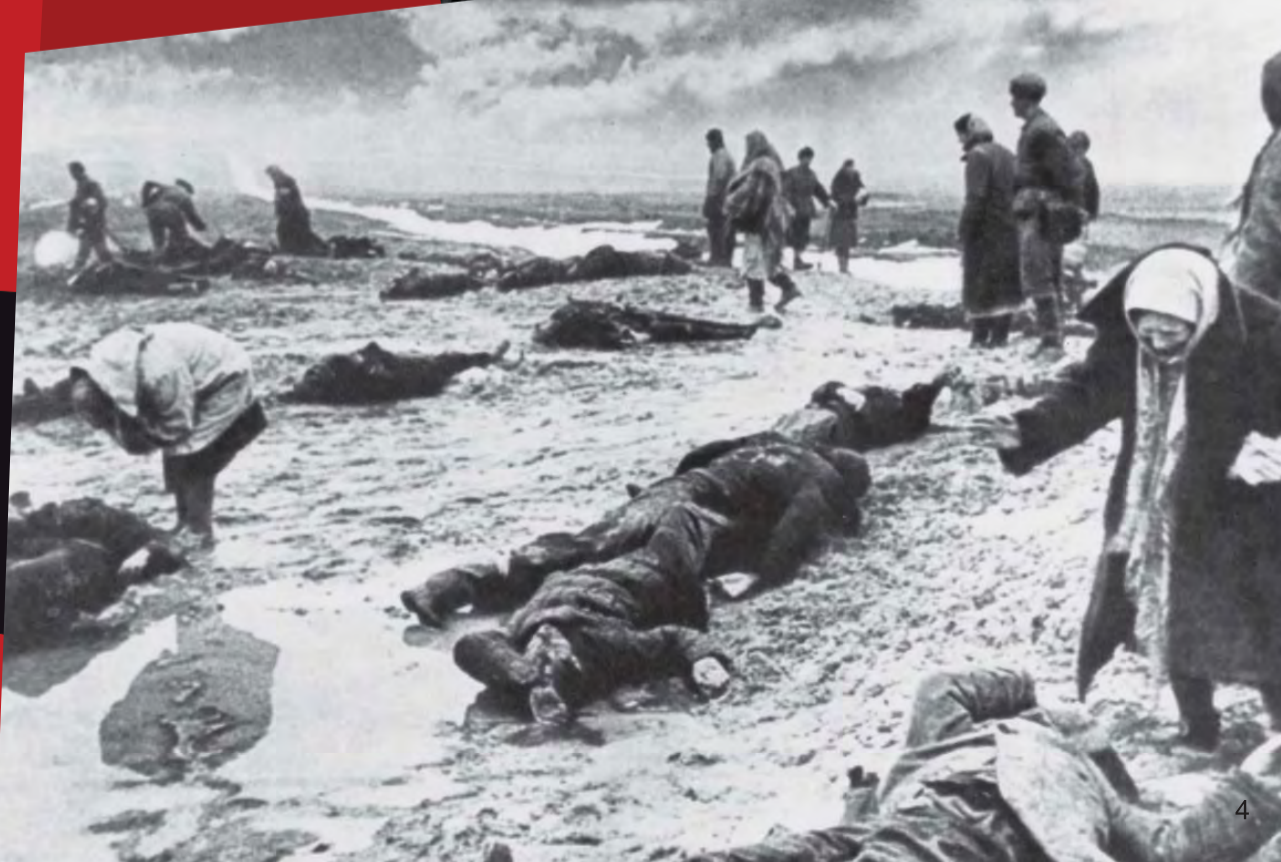
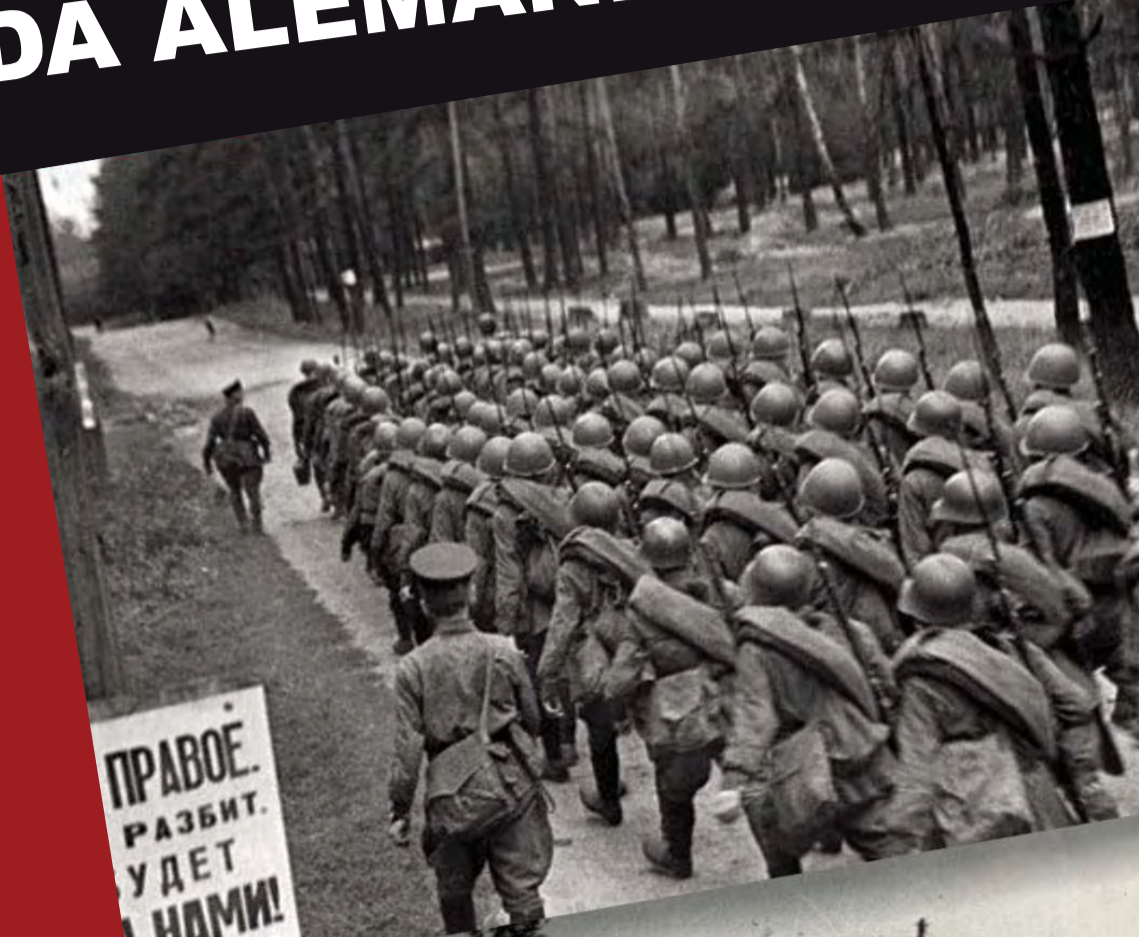
É na Frente Leste que se irá decidir o destino da Guerra, da libertação do mundo da barbárie nazi-fascista.

Nos primeiros meses da “Operação Barbarossa” contra a URSS as tropas da Wehrmacht logram penetrar profundamente em território soviético. Porém a resistência determinada do Exército Vermelho desde logo deita por terra o plano de guerra relâmpago contra a União Soviética. No final de 1941, às portas de Moscovo, a máquina de guerra nazi sofre a sua primeira grande derrota.

Em Estalinegrado, entre o verão de 1942 e Fevereiro de 1943, tem lugar a batalha que decide o curso da II Guerra Mundial – a maior batalha da História – que termina com o cerco e rendição alemã. A iniciativa passa definitivamente para o Exército Vermelho.

Seguem-se a batalha de Kursk, a derrota completa do cerco a Leninegrado, a libertação de todo o território soviético e a marcha libertadora da Europa oriental e central que termina com a tomada de Berlim e a derrota do nazi-fascismo.

O grosso da máquina de guerra nazi foi quebrado e destroçado pelas tropas soviéticas. Quando os aliados ocidentais abrem finalmente a Frente Ocidental, na Normandia, combatiam na Frente Leste 92 por cento das tropas terrestres da Alemanha. É a Leste que são destroçados 75 por cento dos tanques, peças de artilharia e aviões de combate das tropas nazis.



MAIS DE 20 MILHÕES DE SOVIÉTICOS MORRERAM EM RESULTADO DA II GUERRA MUNDIAL.

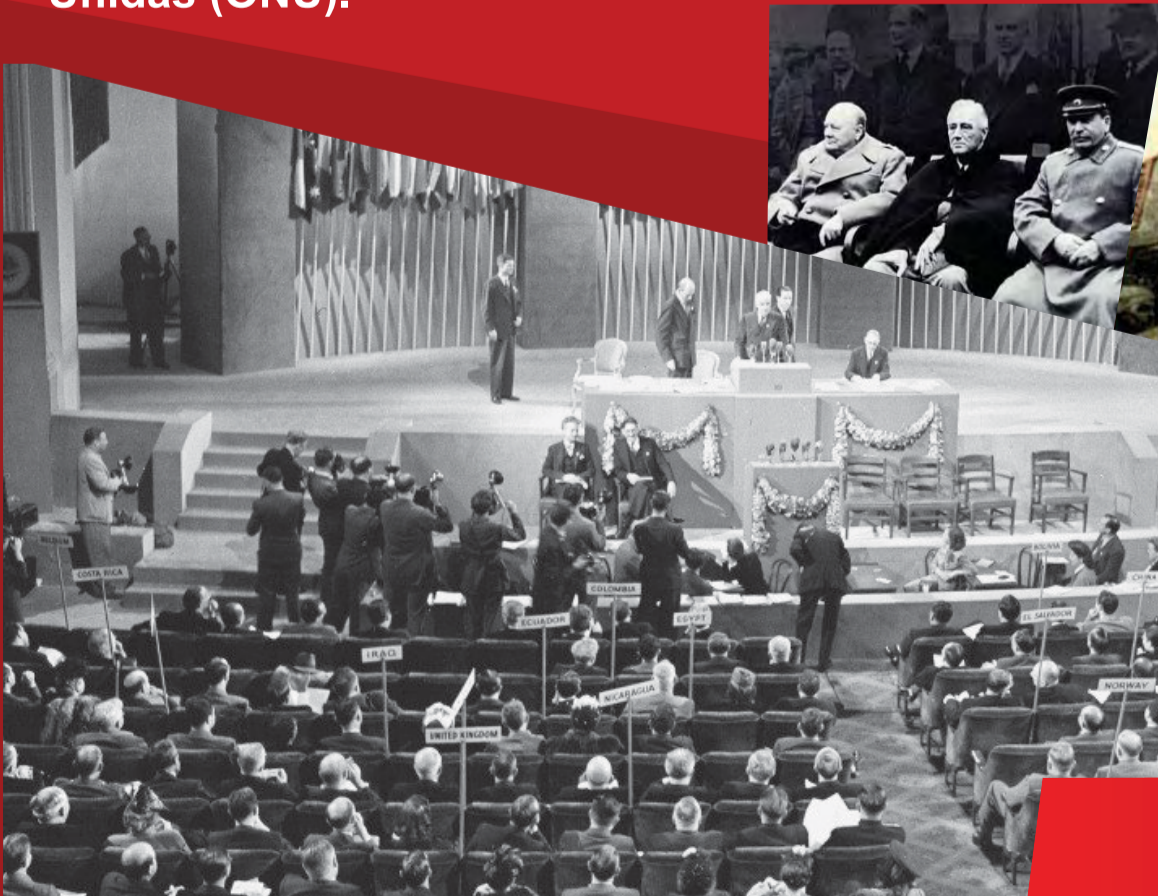
OS COMUNISTAS NA PRIMEIRA LINHA A FORÇA VITORIOSA DA UNIDADE ANTI-FASCISTA

POR TODA A PARTE, OS COMUNISTAS ESTIVERAM NA VANGUARDA DA RESISTÊNCIA ANTI-FASCISTA, DANDO UM CONTRIBUTO DECISIVO PARA A VITÓRIA.

Na Europa e na Ásia a resistência participa activamente na libertação dos seus países. A libertação da Jugoslávia, em grande medida levada a cabo pelo movimento dos partisans, constitui um dos heróicos exemplos dos movimentos da resistência antifascista à ocupação nazi.

A unidade das forças antifascistas e patrióticas – expressa na coligação dos Aliados e nos movimentos da resistência nos países ocupados – constituiu uma força poderosa e determinante para o desfecho da guerra.

Nas Conferências de Teerão (1943), Ialta (1944) e Potsdam (1945) é afirmado o compromisso da cooperação militar da coligação aliada até à derrota final da Alemanha e do Japão e decidida a posição de apoio a uma ordem democrática na Europa e a criação da Organização das Nações Unidas (ONU).



O AVANÇO LIBERTADOR DOS TRABALHADORES E DOS POVOS

A nova correlação de forças mundial criada com a derrota do nazi-fascismo e o prestígio da URSS e do socialismo deu lugar a enormes avanços progressistas para a Humanidade.

Avança-se na instauração de uma nova ordem mundial fundamentalmente democrática, pacífica e anti-fascista.

Com a fundação da ONU são consagrados os princípios do direito internacional na sua Carta fundadora – cuja importância e defesa adquirem hoje particular actualidade.

Com o reforço das forças da paz, da democracia, da libertação nacional e do socialismo, os trabalhadores e os povos alcançam em todo o mundo conquistas e vitórias históricas na sua luta pela emancipação social e nacional que marcam o século XX – e que, mais de duas décadas após o fim da URSS, em 1991, o imperialismo não conseguiu destruir na sua totalidade.

Revoluções de orientação socialista e lutas de libertação nacional alcançam conquistas sociais inéditas – até então só realizadas pela União Soviética – para grandes massas populares na Europa e na Ásia.

O fortalecimento do movimento operário e dos partidos comunistas impõe conquistas sem precedentes em muitos países capitalistas. Direitos laborais, sindicais, das mulheres e da juventude, saúde, ensino e segurança social, que eram até então muito restritos ou mesmo desconhecidos, generalizaram-se nos países recém-libertados.

Ruem impérios coloniais, com os quais as potências coloniais europeias subjugavam os povos em África e na Ásia.



A LUTA PELA PAZ E A SOLIDARIEDADE ANTI-IMPERIALISTA

Ainda a II Guerra Mundial não havia terminado e já as potências imperialistas desencadeavam guerras para impedir processos de libertação dos povos.

Com as bombas atômicas de Hiroshima e Nagasaki os EUA mostram que estão dispostos a lançar-se numa nova e mais perigosa escalada militarista, ambicionando impor ao mundo o seu domínio.

Em 1949 é fundada a NATO, bloco político-militar liderado pelos EUA, do qual a ditadura fascista portuguesa é membro fundador.

Na Europa Ocidental, os EUA promovem o plano Marshall, apoiam activamente a criação das Comunidades Europeias e sopram os ventos da “guerra fria”.

O imperialismo engendra as guerras da Coreia e do Vietname e intervém activamente na América Latina e Caraíbas promovendo a tenebrosa imposição de brutais ditaduras.

Ainda na viragem para a década de 50 já os círculos dirigentes dos EUA delineavam planos de ataque nuclear unilateral contra a URSS, inquietantes ameaças à paz mundial e a vida no planeta que o incremento da capacidade militar defensiva da União Soviética e a criação do Pacto de Varsóvia, em 1955, inviabilizaria.

Face à agressividade do imperialismo, desenvolveu-se um amplo e vigoroso movimento pela paz e de solidariedade internacionalista – onde a União Soviética e o campo de países socialistas teve papel agregador e fundamental – com as lutas de libertação nacional, pelo fim das ditaduras fascistas, pela liberdade e a democracia, por transformações progressistas e revolucionárias.



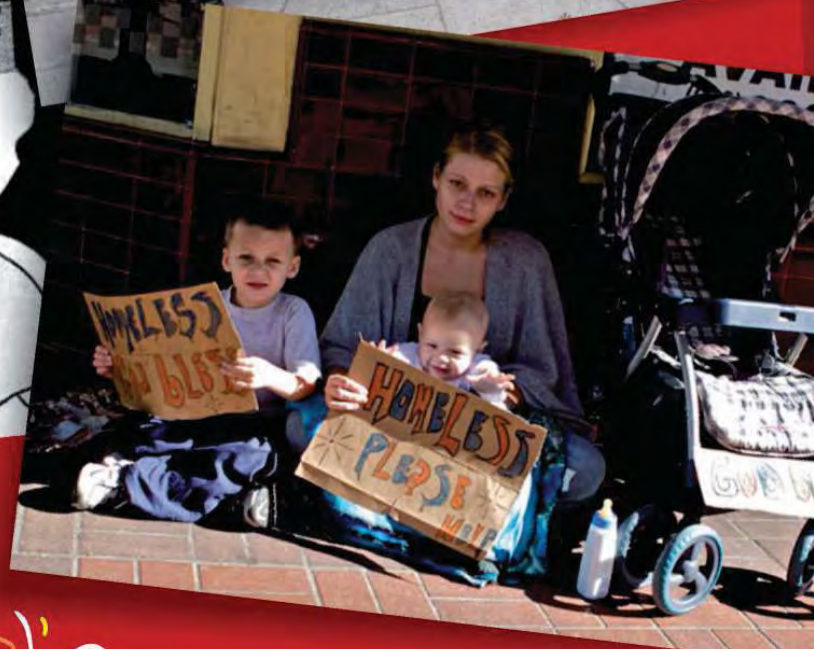
A CRISE DO CAPITALISMO E A OFENSIVA IMPERIALISTA

70 anos após a Vitória sobre o nazi-fascismo e mais de 20 sobre o fim da União Soviética e do campo de países socialistas na Europa, as forças da exploração, da opressão e da guerra lançam-se na recuperação do terreno perdido com o desfecho da II Guerra Mundial e o período de avanços revolucionários e progressistas que se lhe seguiu.

No entanto, apesar da gigantesca pilhagem de recursos e da absorção de vastos mercados que alimentaram a globalização imperialista após as derrotas do socialismo do final do século XX, a crise estrutural do capitalismo aprofunda-se. A recessão mundial que irrompe em 2008 expõe a sua real dimensão. Os EUA são hoje o país mais endividado do mundo e sinónimo de declínio e parasitismo. O Japão está mergulhado numa continuada estagnação. A UE debate-se com uma profunda crise e incrementa mecanismos de domínio contra a soberania dos Estados e os direitos laborais e sociais.

O sistema tenta dirimir as suas insanáveis contradições pela via de uma maior concentração e centralização capitalistas, recorrendo à intensificação da exploração, à repressão, à guerra. A manutenção da hegemonia do dólar no plano mundial é cada vez mais assegurada pelos EUA por meio da via das armas, empurrando o planeta para a catástrofe – o perigo de uma nova guerra de grandes proporções, de uma nova guerra mundial, não deve ser subestimado.

Uma grande campanha de reescrita e falseamento da História, de anti-comunismo, acompanha a violenta ofensiva contra os direitos dos trabalhadores, a soberania dos povos, a independência dos Estados e o património de conquistas democráticas, sociais e libertadoras alcançadas no Século XX.



A NOVA ESCALADA BELICISTA



O imperialismo relança a corrida armamentista e a escalada belicista, a militarização das relações internacionais, o desrespeito sistemático pelo direito internacional e pela Carta das Nações Unidas, a tentativa de instrumentalização da ONU, a promoção das organizações terroristas, de forças da extrema-direita e da agenda anti-democrática.

Os programas de “escudo anti-míssil” e de militarização do espaço, a doutrina dos EUA de Ataque Global Imediato (Prompt Global Strike), são elementos da sua estratégia agressiva contra a Rússia e a China, constituindo uma séria ameaça à paz e à segurança mundiais, a toda a Humanidade.

As guerras na Jugoslávia, Afeganistão, Iraque, Líbia, Síria, Palestina, Líbano, Iémen, e em muitos outros países, demonstram a natureza militarista e agressiva do imperialismo.

As guerras imperialistas e o fomento e instrumentalização do terrorismo pelo imperialismo e destroem hoje países e regiões, no Médio Oriente, África e Ásia Central. A Palestina volta a ser repetidamente massacrada pelos sionistas. Na América Latina, os EUA e as oligarquias recorrem à desestabilização e subversão para reverter os processos progressistas que desafiam a sua tradicional hegemonia nesta região.

Pela mão de forças anti-democráticas e assumidamente neo-nazis, com a cobertura dos EUA, da UE e da NATO, o regime ditatorial instaurado na Ucrânia lança a guerra contra as populações da região do Donbass.



LUTAR PELA PAZ, CONTRA O FASCISMO E A GUERRA PARA QUE NUNCA MAIS ACONTEÇA

70 anos após a Vitória sobre o nazi-fascismo, a luta pela paz, contra o fascismo e a guerra assume uma enorme importância e actualidade.

A guerra não é inevitável. Hoje como há 70 anos, impõe-se a convergência das forças da paz, da democracia e do progresso social – fortalecendo e alargando uma ampla frente que impeça que o imperialismo lance de novo a Humanidade numa tragédia com incalculáveis consequências.

Por todo o mundo, a ofensiva do imperialismo não foi capaz de derrotar a resistência e luta dos povos. Apesar das dificuldades, a realidade demonstra que é possível resistir e, mesmo, travar os ímpetus mais agressivos do imperialismo e defender e alcançar importantes direitos, conquistas e avanços.

Num quadro em que tem lugar um gigantesco e complexo processo de reorganização de forças à escala mundial, que é visto pelos EUA e pelo grande capital transnacional como um inaceitável desafio à sua hegemonia mundial.

São grandes os perigos que vivemos neste tempo, mas são igualmente grandes as potencialidades de acumulação de forças, que protagonizarão novas rupturas e avanços progressistas e revolucionários.

Aos comunistas e a outras forças progressistas cabe mobilizar e organizar a luta pela paz e a emancipação social e nacional, continuando a abrir os caminhos da liberdade, da democracia, do progresso social, do socialismo e do comunismo.

Hoje como há 70 anos, serão os trabalhadores e os povos que com confiança e determinação tomarão nas suas mãos a conquista de um mundo melhor, mais humano, mais justo, mais próspero, libertado da exploração do homem pelo homem.



A LUTA DO POVO PORTUGUÊS CONTRA O FASCISMO, PELA PAZ E A DEMOCRÁCIA

Salazar teve grandes responsabilidades no avanço do fascismo na Europa. Apoiou as tropas franquistas na Guerra Civil de Espanha e colaborou com o fascismo italiano e o nazismo alemão durante a 2.ª Guerra Mundial sob a máscara de uma falsa «neutralidade».

Ao festejar a Vitória o Povo português expressou a esperança de que a derrota do nazi-fascismo arrastasse consigo o fim da ditadura fascista.

Embora fortemente abalado pelas grandes lutas operárias que nessa altura tiveram lugar – como as grandes greves de 1942, 1943 e 1944 – o regime fascista sobreviveu graças ao apoio das grandes potências ocidentais. O fascismo irá durar mais 29 anos. Será a luta do povo português e a corajosa acção dos capitães a derrubá-lo em 25 de Abril de 1974.

Tal não impediu o desenvolvimento do movimento popular de massas, a intensificação das suas lutas e, em particular, de grandes acções unitárias anti-fascistas em defesa da paz em que, no pós-gerra, se destacam a acção dos Partidários da Paz, o apoio ao Apelo de Estocolmo contra a bomba atómica e a luta contra a realização em Portugal da cimeira da NATO, num processo que se desenvolveu até ao derrubamento do fascismo, tendo na luta contra as guerras coloniais do regime fascista português a sua principal expressão.

Com a Revolução de Abril, o fim das guerras coloniais e o reconhecimento do direito à imediata independência dos povos sujeitos ao jugo colonial português, o povo português deu uma contribuição inestimável para a causa da paz e da solidariedade com os povos do mundo.

A Revolução de Abril foi em si mesma uma corajosa afirmação de soberania. Porém, as amarras com o imperialismo, embora fortemente golpeadas, não foram cortadas. A política de direita dos últimos 38 anos submeteu o país à União Europeia, à NATO e ao imperialismo fazendo Portugal um país dependente. A luta em defesa da soberania e independência nacionais, pela ruptura com a estratégia de guerra e agressão do imperialismo, por uma alternativa patriótica e de esquerda que retome os caminhos de Abril – plasmados na Constituição da República Portuguesa –, é a melhor contribuição que o PCP pode dar à causa da paz e da libertação dos povos.

